

Um olhar sobre o Rio

Nuno Vasconcellos



Coluna publicada aos
DOMINGOS

umolharsobreorio@odia.com.br

odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/
um-olhar-sobre-o-rio

NA PANDEMIA

SOLIDARIEDADE COM A VIDA OU COM A ECONOMIA?

As medidas restritivas anunciadas pelo prefeito Eduardo Paes na quinta-feira passada foram consideradas extremamente duras pelos empresários que terão os negócios paralisados e verão sua receita reduzida a zero. Não tiro a razão e me solidarizo com quem se queixa: muitos bares e restaurantes estão no limite de sua capacidade e poderão não resistir a mais 15 dias de fechamento. Por mais doloroso que isso seja, entendo que a decisão exige uma análise fria e peço licença para um depoimento pessoal.

Como empresário, sou responsável, no Rio de Janeiro e em São Paulo, por cerca de 1.500 empregos diretos. São, para usar a expressão do presidente Jair Bolsonaro, 1.500 pessoas que compram com os salários que recebem das empresas que administro o pão que levam para casa. Por causa disso, no primeiro momento, também reagi com indignação à obrigação de ter que fechar as portas do parque Hopi Hari, no interior paulista. Também não gostei de ver a circulação dos jornais do grupo O Dia despencar com o fechamento das bancas e a proibição das vendas avulsas.

Diante, porém, dos números do avanço da doença, concluí que não havia outra saída. Com a dor de quem, como eu, já perdeu uma pessoa querida para essa doença terrível e estive a ponto de perder uma segunda (que, felizmente, se recuperou), digo com convicção: as medidas são necessárias. Digo mais: se as autoridades que as tomaram merecem alguma crítica é a de não terem agido antes, mesmo tendo no mundo exemplos que justificavam as providências mais duras.

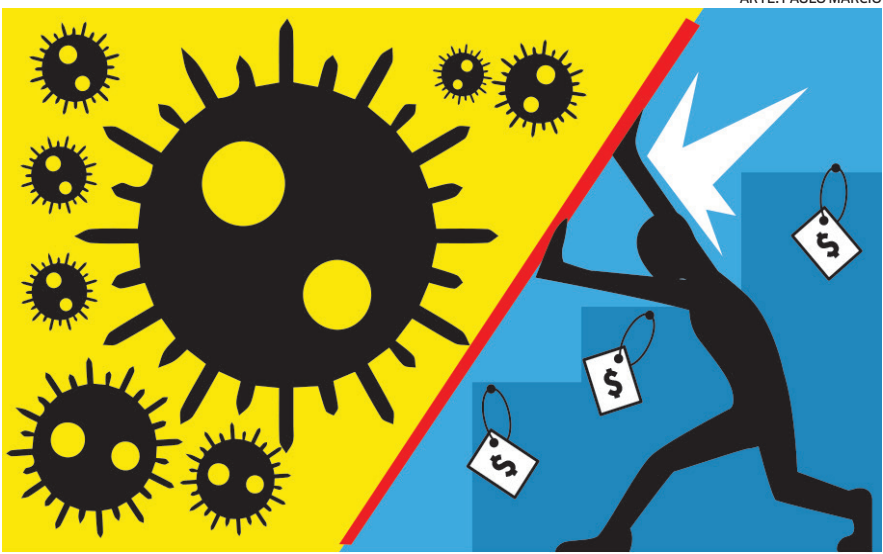
Em Portugal, por exemplo, a

adoção de medidas rígidas de restrição da circulação das pessoas e do funcionamento do comércio manteve a pandemia sob controle durante todo ano de 2020. Com os números em declínio, o governo, baixou a guarda e permitiu uma circulação mais livre na época do Natal, do réveillon e da festa dos Santos Reis. Isso bastou para que a pandemia surgisse com violência e que pessoas morressem na porta dos hospitais sem conseguir atendimento.

As infecções que, no Brasil, justificam agora o endurecimento das medidas aconteceram semanas atrás. Quantas vidas não teriam sido salvas se os governos tivessem endurecido o jogo e fechado tudo durante o Carnaval?

ANDANDO EM CÍRCULOS

E quanto aos negócios? Como empreendedor e empresário, posso perder um negócio por circunstâncias que ninguém conseguiu controlar. Meus negócios podem falir neste momento; eu é que não posso cair. O empresário vivo e saudável tem força para reconstruir o que perdeu. Mas, e se ele morrer devido a uma doença que poderia ter sido evitada pelo isolamento? Quem vai, nesta hora, proteger sua família e



ARTE: PAULO MÁRCIO

levar o pão para casa? Quem pagará os salários dos empregados?

A situação é delicada e a sensação é a de que estamos andando em círculos: a discussão que agora divide opinião entre os que aprovam e os que são contrários ao isolamento parece a mesma que se travava um ano atrás, quando o primeiro caso de coronavírus foi diagnosticado no Rio. Isso mesmo: um ano. No dia 5 de março do ano passado, a Fundação Oswaldo Cruz confirmou o primeiro caso de coronavírus no estado: uma mulher de 27 anos, moradora da cidade de Barra Mansa, no Sul Fluminense.

De lá para cá, a pandemia se alastrou, e, por mais que se conheça a doença, menos se chega a um acordo quanto à melhor forma de lidar com ela. É difícil, neste momento, encontrar outro país do mundo em que a falta de coordenação em torno do combate à pandemia tenha chegado ao mesmo ponto do Brasil.

A cena do presidente Jair Bolsonaro pulando no mar apinhado de

gente em Praia Grande, no litoral de São Paulo, durante o Carnaval, ficará na história como um momento em que o apego a uma tese equivocada (a de que não há problemas em se aglomerar) falou muito mais alto do que o bom senso. Àquela altura, já havia alertas suficientes de que as consequências das aglomerações durante o Carnaval seriam sentidas dias depois, na forma do aumento exagerado de casos. E é exatamente isso que está sendo visto agora.

Outro ponto que já está claro e ações desencontradas é o de que a pandemia só será derrotada por um programa de vacinação em massa. Nesse ponto, é preciso fazer justiça: goste-se ou não do governador de São Paulo, João Doria, o Brasil deve a ele os poucos passos dados até agora no rumo de um programa de vacinação em massa.

IDEOLOGIA OU INÉRCIA

Atenção! Ninguém aqui está manifestando preferência por esse

ou aquele político! A intenção é apenas reconhecer que, no caso específico da vacina, o mérito de Doria é inegável e deve ser aplaudido. Afinal, como já dizia o velho samba de Geraldo Pereira, “a razão dá-se a quem tem” e, nesse episódio, ela deve ser dada ao governador de São Paulo.

O pior de tudo é que, mesmo tendo em sua estrutura uma instituição respeitada e eficiente como a Fiocruz, o Ministério da Saúde (por ideologia, por omissão, por inércia ou por falta de visão) não tratou a vacinação com a devida seriedade no primeiro momento.

“Quantas vidas não teriam sido salvas se tivessem fechado tudo no Carnaval?”

E, assim, o Brasil ficou de fora de todos os protocolos internacionais que garantiriam aos signatários a preferência na hora de obter os imunizantes fabricados pelas grandes farmacêuticas mundiais.

O desfecho desse drama ainda parece distante. A verdade é que, com a mais capilarizada rede de Saúde pública do mundo e com uma tradição de mais de 70 anos em matéria de programas de imunização, o Brasil perdeu uma oportunidade de ouro de dar um exemplo ao mundo e largar na frente nas medidas mais eficazes de combate ao coronavírus. Tomara que ainda haja uma mudança, o país se entenda e reencontre o rumo. E que, neste momento, se convença de que o melhor a fazer é respeitar as medidas de isolamento para evitar mais mortes desnecessárias.

(Siga os comentários de Nuno Vasconcellos no twitter e no instagram: @nuno_vccls)

OPINIÃO

O trocador de sonhos



Gabriel Chalita
professor e escritor

No alto da rua que ficava perto da rua da minha infância, morava um distribuidor de bondades. Não sei precisar a idade que tinha o tal José Alegria. Nem conseguiria desenhar, hoje em dia, um rosto tão pleno de vida. Eu era menino e acreditava em sonhos.

José Alegria tinha a profissão peculiar de ajudar as pessoas. Histórias eram ditas sobre ele. Sorrísos brotavam nos que o encontravam pelo caminho. O que ele tinha de especial? Era ele um trocador de sonhos.

“Como assim?”, perguntei ao meu pai que, sereno, me devol-

veu. “Filho, você nunca quis trocar um sonho?”

Naquela noite, os meus sonhos eram tantos que teriam que fazer fila se quisessem ser sonhados. Eu tinha tanto futuro em mim, tanta vontade de iluminar o mundo. De ajudar os que, caídos ou perdidos, acenavam com as mãos.

Acordei pensando. O que sonha quem não tem um amor? O que sonha quem não tem o que comer? O que sonha quem está sofrendo uma injustiça? O que sonha quem está doente? E, quando a doença se vai, ele troca o sonho que tinha? E os sonhos impossíveis?

Quando meu pai morreu, a casa, vazia dele, ficou em silêncio. E, então, eu sonhei com ele menino. Sem doenças nem dores. Menino na horta, menino na escola. Menino querendo encontrar um amor. Foi quando eu tomei meu pai me-

nino, em meu colo, e disse o que haveria de nascer. Quando, em meu sonho, falei de minha mãe, ele, menino, sorriu resabiado.

Desinteressado do meu sonho lindo, o sol nasceu. E eu, que já não era mais menino nem encon-

“Os sonhos eram tantos que teriam que fazer fila se quisessem ser sonhados”

trava com o José Alegria, chorei a saudade do meu pai. Meu pai menino em meu colo. Nos almoços grandes de domingo, era o contrário. Era em seu colo que eu crescia.

O enterro de José Alegria

movimentou a pequena cidade. E agora? O que iria acontecer com os que, por ele, eram ajudados? E quem quisesse trocar de sonhos? Sonhei, muitas vezes, com ele. E, confesso que, tanto tempo depois, já não sei o que é sonho e o que é desânimo. Alguns dias, vivo um dilúvio de sentimentos ruins em meu peito e uma babel de confusas conclusões em minha mente.

O que houve com os sonhos? Ouço gritos. Ouço cinismos barulhentos. Ouço mentiras que se oferecem como chuva para uma terra seca. E os sonhos? É possível trocar os sonhos de quem não tem nenhum?

A doença vai rasgando a terra onde se esperava fruto e flor. Em meu sonho, a esperança nunca deixou de estar. Nem quando teve que ficar apertada, convi-

vendo com as dores das despedidas e das decepções.

Ontem, eu via o dia criança. Hoje, envelheço quando ouço os meus companheiros e me calo. Queria convidar cada um deles a visitar a casa das palavras e, em silêncio, compreender antes de escolher. E só depois oferecer uma a uma ao mundo.

O José Alegria cultivava o amor como quem conhece a vida. No dia em que ele se foi, aprendi que uma história só merece aplauso se for uma história de amor.

No alto da rua que ficava perto da rua da minha infância, já não sei mais quem mora. Sonhei, um dia desses, que moravam sementes escondidas que ainda não nasceram. Pedi, então, para trocar de sonho. E imaginei uma chuva delas amanhecendo amanhã um mundo melhor.

O DIA

DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600/2222-8650/2222-8651

PRESIDENTE

Alexandre Donizeti

EDITOR-CHEFE

Aloy Juplari

SUBCURADORES

Max Leone, Ana Carla Gomes e Paulo Ricardo Moreira

EDITOR-ASSISTENTE DE ARTE

Alessandro Matheus

DESIGNERS

Amaro Prado, Amaro Prado Junior, Celso Reis, Marcela Musse e Thiago Ladeira

INFOGRAFISTAS

Francisco Silva e Paulo Márcio Esper

DEPARTAMENTOS:

Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br.
Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265.
Fax Diretoria: 2507-1038.

Parque Gráfico: 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica. **Gerência Industrial:** 3891-6002.
Gerência de Circulação e Logística: 3891-6005.

Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irai 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313.

Brasília: Tel: (61) 9920-91891.

Promoções: promocoec@odia.com.br
Classificados: Tel: 2532-5000 / WhatsApp: 98762-8279 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

Anúncios de Noticiário: 2222-8191 / 2222-8631 / 2222-8388.

Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388.

Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h.

Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.

Editora O DIA LTDA. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica - Rio de Janeiro - RJ.

O DIA é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).